



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CECH – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O HELENISMO E O JUDAÍSMO TARDIO, INFLUÊNCIAS
HELENÍSTICAS NO DOCUMENTO “O TESTAMENTO DE
SALOMÃO”**

Artigo Científico apresentado
pelo discente Juliano Gonzaga São
Mateus¹ no curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de
Sergipe como requisito para obtenção do
título de Licenciatura em História.

Orientação: Prof^o. Dr. Marcos
Silva.

São Cristovão

2017.1

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe, residente na Rua 222 Nº 69 Conjunto Marcos Freire III Nossa Senhora Do Socorro. Fone: (79)988714721 E-MAIL: Juliano.levi@yahoo.com.br

HELENISM AND LATE JUDAISM, HELENISTIC INFLUENCES IN THE DOCUMENT "THE TOMB OF SOLOMON"

Resumo

O Testamento de Salomão é um documento que narra a construção do templo de Salomão e o poder que este tinha sobre os demônios, em sua narrativa é possível observar a influência da cultura judaica e principalmente da helênica. O Helenismo é a ascensão da cultura grega consolidada por Alexandre o Grande e propagado por todo seu Império, essa cultura foi tão forte que conseguiu influenciar diversas outras, inclusive o judaísmo e o próprio documento em análise. Neste artigo apresentaremos os aspectos do helenismo no “Testamento de Salomão”.

Palavras Chaves: Judaísmo, Helenismo, Influência, Cultura.

Summary

Solomon's testament is a document that tells the construction of the temple of Solomon and the power that it had on the demons, in his narrative it is possible to observe the influence of the Jewish culture and mainly of the Hellenic one. Hellenism is the rise of Greek culture consolidated by Alexander the Great and propagated throughout its Empire, this culture was so strong that it was able to influence several others, including Judaism and the document itself. In this article we will present the aspects of Hellenism in the "Testament of Solomon".

Keywords: Judaism, Hellenism, Influence, Culture.

APRESENTAÇÃO

O Testamento de Salomão data do século I relata como o templo de Salomão foi erguido e qual o simbolismo usado na dominação dos demônios, o documento revela as influências que ele sofreu de algumas culturas como; a grega, egípcia, a judaica e a romana, em sua narrativa é possível encontrar demonologia, feitiçaria, formulas mágicas, astrologia, pederastia, pitagorismo, gnosticismo e uma visão apocalíptica, mas as culturas que predominam no testamento são o helenismo e o judaísmo. Este artigo tem por objetivo compreender e identificar quais foram às influências helênicas sofridas no Testamento de Salomão e essa possível relação entre a cultura helênica e o documento.

Para tanto analisaremos o documento em apreço, o que vem a ser o helenismo até que ponto geográfico ou territorial ele chegou? Quem fundou essa cultura tão forte? Quem foi Alexandre o Grande e por que seu império foi tão extenso, quais foram às contribuições de Felipe II? Qual a base de fundação de Alexandre? O que é o Judaísmo tradicional ou tardio e como sofreu tanta influência do helenismo? O que mudou dentro do Pentateuco judaico até os dias de Cristo? E por fim relatar com especificidade a influencia da cultura helênica no “Testamento de Salomão”.

O helenismo foi uma cultura grega criada e disseminada no império de Alexandre o Grande, seu sucesso se deve ao grande território que seu criador conquistou, devido ao seu poder geográfico, que foi extenso, e sua autoridade levou as demais civilizações a agregar sua cultura de tal forma que até os próprios escritos das demais nações, por exemplo, Roma, parte do Egito, da África e da Grécia Antiga foi completamente mudadas, foram criados vários meios para se propagar tal cultura tal como as Cidades-Estados, a própria Alexandria que portava uma das melhores bibliotecas do mundo da época.

Alexandre o Grande é o propagador principal dessa cultura, possuiu um Império sem precedentes, seu sucesso se deve ao legado deixado pelo pai Felipe II da Macedônia o qual conseguiu organizar um poderoso exército, quase invencível, infantaria, novas armas e novas formas de combate com princípios fundamentados nos soldados espartanos, aos 22 anos Felipe II estava pronto pra governar os macedônios e organizar seu poderoso exército, apesar da habilidade não procurou expandir seus território, entretanto, esse pensamento ou fragilidade foi inteiramente mudado com seu filho, Alexandre logo se tornou um Imperador

de sucesso, devido à forte admiração que possuía da cultura grega esforçou-se para expandí-la.

Procurou criar diversas escolas helênicas, dentre as quais estarei citando quatro delas, traduziu toda bíblia para o grego fortalecendo ainda mais sua cultura, como nessa época a língua mãe era a grega, muitos judeus ortodoxo procuraram aprender essa língua, desta forma conseguiu inserir seus costumes helênicos no judaísmo e nas demais culturas, pois seu objetivo seria deixar uma única língua e uma única cultura em todo Império, alguns judeus resistiram ficando isolados, outros abriram mão e resolveram acrescentar alguns elementos da cultura helênica na judaica, daí a forte influência em diversos escritos judaicos, dentre eles encontramos o “Testamento de Salomão” carregado de símbolos e figuras gregas.

O TESTAMENTO DE SALOMÃO

O referido documento é um antigo manuscrito pseudepigráfico (Pseudepigrafia é o estudo de documentos antigos cuja autoria não foi registrada ou autenticada na obra, seja por falta de provas ou de simples assinatura do autor, sendo assim geralmente a autoria é dada por pesquisadores que por meio de provas documentais obteve uma determinada aproximação do referido autor), datado do século I (há uma discussão entre estudiosos do tema quanto à data, não sabendo ao certo em que período foi escrito, as informações sobre o período e época que o texto foi escrito pode ser encontrado no livro “Judaísmo, Cristianismo e Helenismo” de André Leonardo Chevitarese), possui dezenove páginas e 130 versículos, traduzido por FC Conybeare, atribuído ao Rei Salomão, no qual ele descreve sobre os demônios que o serviram na construção do templo dedicado ao Deus dos judeus, o documento relata que o moço do rei não estava conseguindo dormir, pois com frequência era perturbado por um demônio, assim fazia constantes reclamações, Salomão resolve interceder pelo jovem e Deus deu-lhe um anel para expulsar o demônio, esse anel servia como símbolo de autoridade para controlar os espíritos maus e fazê-los construir o templo.

Salomão, filho de Davi, foi o terceiro rei de Israel, com vinte anos de idade, na velhice do pai quase perdeu seu reinado devido a uma trama do seu irmão, Adonias filho de Hagit procurou traçar um plano para tomar o reino, segundo o texto bíblico, providenciou carros, homens e sacerdotes, foram até a fonte do Pisoeiro com diversos animais para o sacrifício (ritual realizado na consagração de um rei em Israel) e se declarou rei, ao tomar conhecimento

dessa notícia, Betsabé mãe de Salomão, procurou o “velho Davi”, relatou os projetos de Adonias, imediatamente Davi mandou chamar Salomão e o consagrou a rei de Israel.

Sendo um personagem bíblico e respeitado pela sua sabedoria e riqueza, seus julgamentos e decisões foram tão sábios que trinta séculos depois do seu reinado, a expressão “Justiça de Salomão” ainda era usada e tinha poder de exprimir os sentimentos de imparcialidade, fato descrito no 1º livro de Reis capítulo 3 (bíblia palavra chave), o legado de Davi, seu pai, foi extenso, ia do rio Eufrates até a fronteira egípcia, o tempo do seu reinado foi de 40 anos (970-930) seu reino se consolidou ao casar-se com a filha de um Faraó, segundo a bíblia, pronunciou três mil sentenças, “vinham todos os povos para ouvir sua sabedoria” (1º REIS 4:34. Bíblia Palavra Chave), entre as visitas ilustres, consta a rainha de Sabá, muitas obras foram construídas no período em que Salomão reinou, mas a maior delas foi o grande templo de Salomão, promessa feita a Davi seu pai por seu Deus.

Devido ao casamento realizado com diversas mulheres estrangeiras o “rei sábio” foi fortemente influenciado por diversas culturas, pois “seguiu Astarte, deusa dos Sidônios, e Melcom, ídolo dos amonitas (...) construiu um santuário Quemosh, ídolo dos moabitas (...) fez o mesmo para agradar às mulheres estrangeiras, que queimavam incenso e ofereciam sacrifício aos seus deuses” (1º REIS 11: 4-8: Bíblia Palavra Chave), sendo assim podemos entender porque o rei conseguiu construir o templo, ter diversos opositores, por que na verdade o Testamento de Salomão é justamente uma crítica dos judeus ao templo, e ter esse poder místico.

É no Testamento que encontramos diversas anotações do Rei Salomão narrando o processo de construção do templo em homenagem ao seu Deus, como já foi dito, mostrando que além do uso de seus súditos e servos na edificação, Salomão também terá um novo auxílio, o dos demônios, através de um anel encravado com um selo místico dado pelo próprio arcanjo Miguel, em nome de Iavé, o rei consegue o poder para controlar os espíritos malignos e, durante o processo de construção do Templo, Salomão vai interrogando cada um de seus novos servos sobre suas atividades e o nome do anjo que os frustram. Depois dessa visão rasa do documento precisamos entender de fato o que vem a ser essa cultura tão forte que nasce cerca de dois séculos antes da escrita do Testamento de Salomão e porque ela alcançou e influenciou a obra em análise.

O HELENISMO

Antes de considerar a influência do helenismo no Testamento de Salomão é preciso, ainda que basicamente, considerar o que vem a ser a cultura helenística, explicando de uma forma sintetizada é a ascensão da cultura grega juntamente com a civilização romana e sua disseminação no oriente médio afetando demais cultura, por exemplo, a judaica. Este foi o conceito dado por Claudio Fernandes Ribeiro (Graduado em História pela Universidade Federal de Goiás, 2006 a 2009. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFG, 2010-2012), na verdade o conceito de Helenismo foi usado primeiro pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884) com o objetivo de dar uma definição melhor ao processo de expansão da cultura helênica ou grega, para outras regiões do mundo antigo após a morte do imperador Alexandre “O Grande”.

O mesmo viveu entre os anos 356 e 323 a. C. vindo da Macedônia, região situada na Península Balcânica que possuía forte vínculo com as cidades-estado gregas, ergueu-se enquanto organização política, inspirada em vários elementos da civilização grega. Alexandre era filho de Felipe da Macedônia (382 – 336 a.C.) nascido em Pela capital da Macedônia, localizada no norte da Grécia, até a região que hoje forma o sul da Albânia, filho de Amintas III, rei da Macedônia, aos quatorze anos começou sua carreira política, foi prisioneiro de Tebas.

Admirava a riqueza da cultura grega e se impressionava com a vastidão do território do império persa, com 22 anos retorna para sua terra, preparado para governar os macedônios, tomou o controle dos principados semi-independentes, estimulou o conflito entre as diversas cidades, que na Grécia antiga, formavam estados, conseguindo dominar toda costa do Mar Egeu, assumiu o controle das minas de ouro e prata, que lhe garantia o financiamento de sua política de suborno dos adversários, com os recursos citados acima conseguiu criar a tão conhecida “falange macedônica”, ou seja, um exército nacional com uma forte infantaria e com grande habilidade de guerra, sua cavalaria se tornara a mais poderosa da Grécia, praticamente imbatível, seus soldados estavam investidos dos princípios espartanos, com uma série de inovações que se tornou fundamental para as conquistas de seu filho.

Como é possível notar as decisões, manobras e conquistas de Felipe II possibilitaram tanto o avanço da cultura grega quanto o vasto domínio grego. Alexandre teve como professor

o grande filósofo grego Aristóteles e estudou em Atenas, ao contrario do pai, conseguiu expandir os domínios da Macedônia para toda a Hélade (termo usado para as cidades-estado da Grécia Antiga), criando o império helênico que primava pela centralidade da cultura grega, nas palavras de Droysen:

Os dois séculos da luta encarniçada que os helenos travaram contra os persas – o primeiro grande conflito entre Oriente e Ocidente que a história nos legou – Alexandre, os encerrou ao aniquilar o império dos persas, ao conquistar todo o território situado entre o deserto africano e a Índia, ao afirmar a supremacia da civilização grega sobre a cultura declinante dos povos asiáticos. Enfim, ao gerar o helenismo. Seu nome assinala o fim de uma época e o começo de uma nova (2010: pag.37).

Acima de tudo por aquilo que havia sido desenvolvido em suas principais cidades como Atenas, Esparta e Tebas, em sua forma de organização política. Desta maneira, aspectos do teatro, arquitetura, organização militar, música, vestimenta, filosofia, conhecimento astronômico, poético e demais características da cultura grega foram absorvidas por Alexandre, que procurou expandi-las para além da Península Balcânica “suas primeiras manifestações ocorrem às margens do mar Egeu, de onde se propagaram ao mar Negro e ao Mediterrâneo, expandindo-se finalmente, por terra, para o oriente, até a Ásia Central e a Índia, e para o ocidente até a costa atlântica da África do Norte e Europa, inclusive parte da ilha da Bretanha” (TOYNBEE, pag. 15).

A fim de que não haja nenhum tipo de confusão quanto à cultura helênica e a Grécia é preciso lembrar que a última é um país com localização geográfica, situada no sudeste da Europa que viu diversas culturas nascer e morrer, quanto “a civilização que tomou o nome de helenismo começou a existir em fins do segundo milênio a. C. e preservou sua identidade, desde aquela época, até o século VII da era cristã” ((TOYNBEE, pag. 15), já que não podemos identificar o helenismo com um determinado país ou uma determinada língua como definiremos? Em meu entender o helenismo foi uma forma de vida característica, identificada numa instituição básica, a Cidade-Estado, faz-se necessário compreender que a instituição não é, em si, um padrão peculiar do sistema de vida helênico, sua real caracterização é a utilização dessa instituição como meio propagador, cujo objetivo seria dar uma expressão prática a uma determinada visão do universo até então conhecido.

Sua essência não foi geográfica ou lingüística, mas social e cultural e quem estivesse sob ela seria aceito como cidadão, seria aceito como heleno independente da sua origem ou formação, este modo de ser e viver controlou todo império alexandrino, inclusive afetando fortemente o cristianismo, assunto que trataremos mais adiante, por agora continuaremos a tratar do vasto império alexandrino que compreendia como já foi dito acima, desde o norte da África, passando pelos domínios do antigo Império Persa, no Oriente Médio, o leste europeu, até chegar à Índia, em toda essa região foram disseminados os elementos da cultura grega, um dos exemplos mais famosos é o da cidade de Alexandria (que leva o nome de seu fundador), construída no nordeste do Egito, que se tornou símbolo intelectual da época helenística, em virtude de sua famosa biblioteca.

Com o nascimento do helenismo há uma “certa” reconciliação do Ocidente com o Oriente sob os traços da cultura grega, em toda Grécia Antiga seja na Macedônia ou na Prússiaurgia o aparecimento de um personagem que cumprisse as mudanças necessárias com o objetivo de reunir os povos separados que, embora hostis uns aos outros, desejavam fortemente a união. Tratava-se de Alexandre, aquele que depois de ter excluído a realeza persa, acabou por promover a união dos povos do mundo antigo fazendo de sua majestade um instrumento poderoso de uma nova cultura banhada por racionalismo e autonomia grega.

Como, então, unir os povos totalmente separados? Isso só seria alcançado quando os gregos espalhassem suas práticas culturais sobre as planícies asiáticas, conhecendo “um império oriental e ocidental de civilização helênica” (DROYSEN, pag. 280), surge o maior mérito de Alexandre: fazer triunfar a civilização helênica, que, com seu poder cultural, seria mais poderoso e decisivo do que as armas da Macedônia na utópica idéia de um Império universal, na verdade “o que triunfou sobre o Oriente, no ultimo momento, não foram os gregos, mas a civilização helênica” (DROYSEN, pag.330).

Diante da situação descrita acima, pode-se afirmar que o helenismo é uma nova cultura, a cultura do império de Alexandre, responsável, como já foi dito, por disseminar o racionalismo e a democracia da Grécia, adaptando-os à realidade oriental, não se tratava de considerar que o helenismo se valeria em semelhante medida das duas culturas a grega e a oriental, afinal de contas fora assentada na alma grega, em seu espírito racional e em seu intelecto superior, a Ásia, por sua vez, contribuiria apenas como um animal de carga, cuja função mais louvável seria levar o costume helênico a todos os lugares do Império.

Um bom exemplo desse processo seria o exército, principal baluarte da cultura grega, os soldados asiáticos ao entrarem em contato com a moral firme e sólida dos batalhões de Alexandre passariam a incorporar os hábitos que regiam a vida grega nos campos de batalhas, ao perceberem que, tais costumes eram salutareis adotaram de forma agradável e eficaz, fazendo do exército uma forte ferramenta para a helenização, “nada podia contribuir tanto para a helenização dos povos quanto habituar a juventude persa aos regulamentos militares macedônicos” (DROYSEN, pag. 448).

Outro exemplo foi às diversas escolas espalhadas em todo império, das quais estarei citando quatro delas:

- O estoicismo, de Zenão de Cítio – os representantes desta escola, conhecidos como estóicos, defendiam uma atitude de completa austeridade física e moral, baseada na resistência do homem ante os sofrimentos e os males do mundo. Seu ideal de vida seria alcançar uma serenidade diante dos acontecimentos fundamentados na aceitação da “lei Universal do Cosmo”, que rege toda vida;

- O epicurismo, de Epicuro (324-271 a.C) – propunha a idéia de que o ser humano deve buscar o prazer da vida. No entanto, distinguia, entre os prazeres, aqueles que são duradouros e aqueles que acarretam dores e sofrimentos, pois o prazer estaria vinculado a uma conduta virtuosa. Para Epicuro, o supremo prazer seria de natureza intelectual e obtida mediante o domínio das paixões. Os epicuristas procuravam a ataraxia, termo grego que usavam para designar o estado em que não havia dor, de quietude, serenidade, imperturbabilidade da alma. O epicurismo, posteriormente, serviu de base ao hedonismo, filosofia que também defende a busca do prazer, mas que não diferencia os tipos de prazeres, tal como faz Epicuro;

- O ceticismo (pirronismo), de Pirro de Élide (365-275 a.C) - segundo suas teorias, nenhum conhecimento é seguro, tudo é incerto, defendia que se deve contentar com as aparências das coisas, desfrutar o imediato captado pelos sentidos e viver feliz e em paz, em vez de se lançar à busca de uma verdade plena, pois seria impossível ao homem saber se as coisas são efetivamente como aparecem. Assim, o pirronismo é considerado uma forma de ceticismo, que professa a impossibilidade do conhecimento, da obtenção da verdade absoluta;

- O cinismo - significa "cão", e designa a corrente dos filósofos que se propuseram a viver como os cães da cidade, sem qualquer propriedade ou conforto. Levavam ao extremo a

filosofia de Sócrates, segundo a qual o homem deve procurar conhecer a si mesmo e desprezar todos os bens materiais. Por isso Diógenes, o pensador mais destacado dessa escola, é conhecido como o “Sócrates demente”, ou o “Sócrates louco”, pois questionava os valores e as tradições sociais e procurava viver estritamente conforme os princípios que considerava moralmente corretos.

As escolas foram usadas como propagação das idéias helênicas, compreendido o que vem a ser o helenismo, quem foi seu fundador e os meios usados para sua propagação. Passaremos agora a procurar entender o que vem a ser o judaísmo e suas doutrinas, quais suas principais escolas, o que defendia os Saduceus, os Essênios, os Fariseus e os Zelotes e por que tiveram tantos conflitos intelectuais para defenderem suas religiões e seus ideais?

O JUDAÍSMO TARDIO

Segundo Benedikt Otzen o judaísmo tardio corresponde ao período de Alexandre o Grande (326 – 323 a. C.) até Adriano (117 – 138 d. C.), sua principal característica está centralizada no encontro das culturas gregas e judaicas, estes séculos causaram diversas transformações culturais na história dos judeus, resultando no nascimento do cristianismo. Este assunto é tratado com mais detalhes no livro “O Judaísmo na Antiguidade” de Otzen, na obra o autor vai discorrer sobre a história política dos judeus e suas respectivas transformações, sua religião e os principais elementos que compõem a sociedade judaica, sua análise foi centralizada no judaísmo tardio.

O judaísmo é o nome dado à religião e cultura do povo judeu, nasce com o patriarca Abraão por volta do século XVIII a. C. com fundamentos no povo Hebreu e em suas leis, representadas pelo Tanakh ou Antigo Testamento, originário da bíblia hebraica, sendo estudado com a ajuda do Talmude (livro pertencente à lei judaica contendo a lei oral, a doutrina, a moral e as tradições dos judeus, usado como auxiliador na interpretação do Tanakh), é no Antigo Testamento que encontramos a chamada de Abraão, sua separação como hebreu, a origem do povo judaico, seus costumes, seu Deus e as suas leis.

O Tanakh é considerado pelos judeus ortodoxos como o livro sagrado, nele está contido como é possível se relacionar com Deus e como foi feita a aliança entre Iavé e os filhos de Israel, o livro foi dividido em cinco partes, os primeiros cinco livros bíblicos é

conhecido como Torah composto por; Genesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, são considerados como os mais importantes da bíblia dos judeus, sendo atribuído a Moises, há quem discorde dessa autoria, no entanto, as maiorias das bíblias o apontam como seu autor, foi Moises quem recebeu as Tabuas da lei (Êxodo cap. 19, 20), como legislador, juiz e mediador, levou o povo até Canaã e ensinou toda cultura judaica, depois vêm os livros históricos, os de sabedoria e os dos profetas encerrando o Antigo Testamento ou bíblia dos judeus e é nela que se encerra todo judaísmo.

O Judaísmo ortodoxo é considerado a primeira religião monoteísta a aparecer na história, tendo como crença principal a existência de um único Deus, criador de todas as coisas, para os judeus, Deus fez um pacto com os hebreus, a partir do patriarca Abraão com já foi dito acima, o pacto ou aliança torna-o povo escolhido e faz promessa de uma terra prometida, está terra foi alcançada por meio de Josué sucessor de Moises (Josué cap. 1) ao chegar à terra prometida Josué foi orientado a matar todas as nações pagãs, para não contaminarem os hebreus, agindo dessa forma a cultura judaica seria fortalecida e não teria ,influencia externa, fato que estava prestes a mudar com o exílio e com a forte propagação do helenismo assunto que trataremos mais adiante.

Como já foi dito, o principal fundamento do judaísmo é a doutrina monoteísta (crença em um único Deus) é no primeiro livro da bíblia que encontramos toda a história do povo de Israel, em Genesis capítulo 1 encontramos a narrativa da criação do mundo, no capítulo 12 a chamada do pai da fê e a promessa de que ele seria o pai de uma grande nação, depois o nascimento das doze tribos representadas nos filhos de Jacó filho de Isaque neto de Abraão, em Êxodo encontramos a entrada e saída do povo na terra do Egito, nas passagens bíblicas é possível ver claramente o esforço de Iavé para que seu povo não sofresse nenhum tipo de influencia vinda de outros povos.

O judaísmo tardio foi marcado por uma forte confluência cultural, mas desde o início houve divisões claras da religião, Flavio Josefo defendia que o judaísmo estava subdividido em três escolas com uma quarta, representado pelos grupos rebeldes, relata Josefo que nos últimos séculos a. C. e nos primeiros d. C. houve uma divisão em quatro escolas “filosófico-religiosas” (OTZEN, p. 145) mais conhecidas como; saduceus, fariseus, essênios e os nacionalistas religiosos, os conflitos religiosos entre elas eram constante, mas os mais acirrados eram entre os saduceus e os fariseus, no livro “o Judaísmo na Antiguidade” de Benedikt Otzen no capítulo 4, paginas 145 – 205 o autor trata com especificidade como cada

grupo se desenvolveu, a que classe pertenciam e as principais classes sacerdotais. Com o crescimento da cultura helênica os Saduceus pertencentes à classe sacerdotal Jerosolimita ou sadoquita decidiram manter a ortodoxia do judaísmo “o conservadorismo religioso e o liberalismo cultural eram uma estranha combinação na atitude dos Saduceus” (OTZEN, p. 148)

Embate causado pela escola farisaica que estava disposta a abrir mão dos costumes engessados da lei mosaica e “que pragmaticamente tentavam garantir seus direitos religiosos e, ao mesmo tempo, adaptar-se à situação de mudança social” (OTZEN, p. 147), tanto Flavio Josefo quanto o Novo Testamento afirmam que os fariseus deram uma nova interpretação da Torá. De um lado os Saduceus não concordavam com as novas mudanças, do outro os Fariseus acreditavam que essas mudanças trariam uma grandiosidade para o judaísmo, apesar dos entraves entre ambos as mudanças aconteceram, por volta de 70 d.C, à cidade de Jerusalém cai, o papel dos Saduceus perde o sentido e as mudanças chegam atacando ambos os lados, mesmo não concordando com a interpretação da lei, desejavam manter o sacerdócio, seja o sadoquita ou o Asmoneus, mas com a construção do templo dar-se fim as duas classes sacerdotais, o Testamento de Salomão traz essa crítica contra o templo e contra o sacerdócio, é devido a estas mudanças que o Novo Testamento possui uma escrita totalmente diferente do Antigo.

Quanto a questão das classes sacerdotais, é dos Saduceus a designação do nome Sadoc ou Zadoque que deu início a classe sacerdotal Jerosolimita, Sadoc foi nomeado sacerdote pelo rei Salomão (1 Reis 2:35), responsável pelo sacerdócio em Israel, este grupo permaneceu em Jerusalém ocupando cargos importantes, mas teve seu poder reduzido quando, no governo de Salomé Alexandra, aceitaram os Escribas e Fariseus no Sinédrio (corte suprema da Lei judia, com a tarefa de administrar a justiça, interpretar e aplicar a Torá), para os Saduceus a interpretação da lei deveria ser feita ao pé da letra, como eram pragmáticos não aceitavam as doutrinas de anjos, demônios e da ressurreição, inteiramente contrario a dos fariseus (atos 23:8), eles tentaram impedir, sem êxito, a revolta dos judeus contra os romanos que terminou na destruição do templo e a queda de Jerusalém nos anos 70 d. C., quando ocorreu a morte e o fim dos Saduceus.

Como já foi dito os Saduceus e os Fariseus eram vozes importantes, com capacidade de influenciar a opinião pública, inclusive na rejeição de Jesus, Flavio Josefo vai mencionar os Fariseus no contexto do segundo século AEC. Durante esse período os judeus cederam aos apelos do helenismo, a tensão foi aumentar quando os governantes selêucidas profanaram o

templo de Jerusalém dedicando-o a Zeus, é a partir daí que nasce a classe sacerdotal dos Asmoneus, Judas Macabeu, líder judeu de uma família conhecida como os Asmoneus, lidera um exército e livra o templo das mãos gregas, objetivo alcançado, Judas resolve torna-se político, fato não aceito por alguns dos seus irmãos, apesar de serem da linhagem sacerdotal nenhum Asmoneus serviram como sacerdote para os judeus este cargo só deveria ser ocupado pelos sadoquitas, situação mudada em 140 AEC, quando o rei Demétrio conferi a Simão, irmão de Judas Macabeu, o título de sumo sacerdote. A posição de Simão e seus descendentes, como governador e sumo sacerdote foi aprovada pela autoridade selêucida estrangeira e pelo povo, conforme o historiador Emil Schürer (nasceu em 2 de maio de 1844 e faleceu em 30 de abril de 1910, teólogo protestante alemão conhecido principalmente por seus estudos da história dos judeus em torno do tempo do ministério de Jesus, um dos livros mais importante é “A História do povo Judeu na era de Jesus Cristo 175 BC – AD 135) a mudança foi tão radical que os Asmoneus estabeleceram uma dinastia política.

As mudanças trouxeram novos costumes e doutrinas para o judaísmo, no Novo Testamento encontramos diversas citações de anjos e demônios, uma doutrina apocalíptica, a destruição do templo e o fim do sacerdócio, em diversas passagens, encontramos Jesus expulsando os demônios e dando relatos acerca da ressurreição, afirmando ser o filho de Deus, fatos estes totalmente rejeitados pelos Saduceus e pelos fariseus, um grupo acreditava na ressurreição dos mortos, outro rejeitava que o Cristo fosse o filho de Deus, estas mudanças afetaram direta e indiretamente todos judeus, alcançando as escrituras neotestamentária e o testamento de Salomão, esta foi à herança da influencia helênica, questão que trataremos abaixo.

INFLUÊNCIA HELENÍSTICA NO TESTAMENTO DE SALOMÃO

Salomão é um personagem importante nas histórias e nas literaturas da cultura judaica, no entanto, no documento em análise a imagem que desde o principio conhecemos como o rei sábio, construtor do templo e escritor de diversos provérbios é substituída pela figura de Salomão como poderoso exorcista em poder de um anel mágico usado para controlar e subjugar os demônios com o fim de construir o seu grande templo, embora a narração pareça ferir os princípios judaicos, ela existe em forma literária conhecida como “O Testamento de Salomão”, diversas culturas influenciaram o documento, podemos encontrar a cultura grega, romana, egípcia e judaica, entretanto, nos deteremos na cultura grega ou helênica.

AMULETOS E FORMULAS MÁGICAS

Segundo o pesquisador Charlton Mc Cown os amuletos, fórmulas e receitas mágicas que encontramos no Testamento de Salomão o associam aos papiros mágicos gregos, estes são considerados livros de encantamentos conhecidos desde os tempos mais remotos e são chamados de grimórios (são coleções medievais de feitiços, rituais e encantamentos mágicos atribuídos as fontes clássicas hebraicas, egípcias e gregas, contendo temas sobre astrologia, angiologia, demonologia, orientações como efetuar feitiços ou misturar remédios e conjurar entidades) por acadêmicos hodiernos, a maioria destes livros foram retirados das areias do Egito e estão escritos em grego antigo e egípcio demótico, no documento ainda é possível encontrar; demonologia, astrologia, magia, pederastia, pitagorismo, gnosticismo e medicina.

Uma das influências do helenismo no texto que na cultura judaica não aparece é o anel de Salomão (quanto ao anel podemos encontrar referencia mais detalhada no livro “Judaísmo, Cristianismo e Helenismo” de André Leonardo Chevitarese nas paginas 125 – 126). No documento aparece como uma magia apocalíptica dando poder ao rei como um sábio e poderoso exorcista, entendendo que a confecção de tal documento ter-se-ia utilizado o mesmo idioma do Novo Testamento “o grego do testamento é o idioma comum falado em época helenística” (CHEVITARESE, pag. 125.), após uma breve apresentação do texto podemos fazer uma comparação com o que Flavio Josefo teria escrito sobre o soberano, revelando que o poder exorcístico de Salomão era conhecido em sua época, na verdade o documento trata de uma oposição satírica ao rei, traído pela influência grega, o que posso entender é, que o mais importante não seria a construção do templo pelos demônios e sim o poder que Salomão, como pertencente a linhagem judaica, detinha sobre os espíritos malignos, poder esse que segundo a bíblia só foi entregue a belzebu o príncipe das trevas.

DEMONOLOGIA

Outra influência encontrada no documento é a narrativa de como foi construído o templo, o qual não vem a ser um legado helênico, pois já no Antigo Testamento o projeto do templo foi dado a Davi ele desejava construir uma casa para Jeová onde a arca da aliança ficasse guardada, ao invés de permanecer na tenda provisória, existente desde os dias de Moises, segundo a bíblia, o desejo de Davi foi negado pelo seu Deus conforme encontramos

em 1º livro das Crônicas 28:3 “não edificaras casa ao meu nome, porque és homem de guerra, e derramaste muito sangue”, no quarto ano do reinado de Salomão foi iniciado a construção do templo seguindo o plano arquitetônico dado por Davi, seu pai (1º REIS 6:1; 1º CRONICAS 28:11-19: Bíblia Palavra Chave).

A influência está na narrativa, na bíblia judaica não encontramos acesso ou ajuda de demônios no templo, no texto em análise esses ajudantes aparecem tanto como legado do helenismo quanto como servos dominados por Salomão, sem falar que ele critica a construção do templo em contraponto as duas classes sacerdotais da época a Jerosolimita oriunda dos Saduceus e a dos Asmoneus oriundo de Judas Macabeus, no Novo Testamento essa influência é acentuada, pois o mesmo Cristo faz duras críticas ao templo, na fonte de sicar Jesus encontra uma mulher samaritana e ensina que a adoração não seria mais no templo feito por mãos humanas e sim dentro de cada pessoa extinguindo assim o uso do templo para adoração.

O helenismo é tão forte nos escritos do messias que o seu próprio nascimento deu início ao abandono ou o fim do templo, na tentação, o templo é usado como um lugar onde o demônio fica à-vontade. O assunto é disseminado com maior profundidade no artigo “Um templo de demônios? A rejeição do templo no judaísmo do I Séc. e no cristianismo das origens” escrito por Luigi Schiavo, nele, vamos encontrar o simbolismo do templo para o judeu e a forte presença helênica por parte de Jesus e dos seus seguidores, pois houve uma rejeição consolidada na tradição cristã, “a influência do helenismo na doutrina e no aspecto do cristianismo foi, realmente, profunda” (TOYNBEE, pag. 26).

A renovação religiosa proposta pelo cristianismo dar fim tanto a linhagem sacerdotal quanto ao uso do templo, vários textos do Novo Testamento apontam para a rejeição do templo de Salomão, na tentação de Jesus, como já foi citado, na passagem que relata Jesus entrando no templo e “expulsa os vendedores e os compradores que lá estavam” (MARCOS 11:11) a profecia da destruição do templo, a profecia que o anticristo ou o demônio se erguerá no templo pra ser adorado, na tradição joanina a rejeição do templo como lugar de adoração, entre apóstolos e discípulos como Estevão que foi apedrejado por rejeitar o templo, etc...

Quando observamos a presença dos demônios no templo e na escrita do Testamento, estamos adentrando na cultura grega, pois no Antigo Testamento, ou seja, na cultura judaica não encontramos ações de espíritos malignos se não em duas únicas passagens em Genesis

capítulo três e no livro de Jó onde relata que satanás foi até o trono de Deus, é no Novo Testamento que iremos encontrar diversas passagens sobre os demônios, sua origem, suas estratégias e seu possível fim, encontramos com a mesma frequência no Testamento de Salomão referências sobre os demônios seus nomes e suas atividades, segue abaixo alguns nomes e atividades registradas no Testamento:

Ornias: o demônio que molestava o jovem capataz, roubando a metade do seu salário. Salomão o faz trabalhar na construção do templo. É anulado pelo arcanjo Uriel (1-2);

Beelzebul: príncipe dos demônios, que se comprometeu em trazer a Salomão os demais demônios. (3);

Onoscelis: espírito feminino que pode unir-se aos homens: condenada a trilhar as cordas que servem para a construção do templo (4);

Asmodeo: procura fazer o mal aos homens, sobretudo os recém-casados: deverá carregar ferro e fazer massa (5). O anjo contrário é Rafael. O poder dele se anula queimando fígado de peixe com fel e um ramo de bálsamo (6-8);

Lix Tetrax: este demônio rompe muros, queima tudo o que pode, provoca febres. O anjo que o anula é Azael. É condenado a carregar pedras (7);

Sete demônios femininos: Engano, Disputa, Clotó, Zale, Delírio, Força, Péssima: são príncipes das trevas, cada um provocando os homens à divisão, conflitos, mentiras, mortes. Foram mandados a cavar os alicerces do templo (8);

Assassinato: demônio sem cabeça, que no desejo de ter uma corteira dos homens, as coloca em si, mas acaba consumindo-as pelo fogo que há nele, e que produz úlceras. O anjo do relâmpago o anula (9);

Bastón: o diabo com aspecto de cachorro: domina os homens pela garganta e os reduz a estupidez. Ele é condenado a cortar mármore para o templo e traz a Salomão uma pedra verde para adornar o altar. O anjo contrário é o grande Briateo (10);

O Portador de Liões: comanda uma legião de demônios, e provoca enfermidades nos homens. É anulado pelo Paciente, cujo nome é Emanuel. Foi condenado a trazer lenha, cortá-la e jogá-la no forno sempre ardente (11);

O Dragão Tricéfalo: espírito tríplice que faz cegos e mudos os fetos das mulheres e derruba os homens fazendo-os espumar e ranger os dentes. Seu anjo contrário é o anjo de Grão Conselho. Também vai trabalhar no templo. (12);

Obizut: espírito feminino que mata os fetos. Seu anjo contrário é Rafael. Foi amarrada pelos cabelos diante do templo e condenada a louvar a Deus (14);

O Dragão Alado: engravida as mulheres e joga fogo. Seu anjo contrário é Bezazat. Vai serrar mármore para o templo (14);

Enépsigos: demônio das artes mágicas, seu anjo contrario é Ratanael. Ele profetiza o futuro de Salamão (15);

Cinópego: espírito marino que inferniza os barcos, provocando náusea e morte. Anjo contrário é Lamet. Foi fechado numa caçarola (16);

O Espírito do Gigante: fica nos cemitérios e impede a passagem dos homens pelo lugar. É exorcizado pelo salvador que vai vir ao mundo, e pelo sinal da cruz na testa (17);

Os 36 Decanos: são espíritos astrais, das trevas do mundo. Influem na vida e nas enfermidades dos homens. Sua condenação será transportar água para o templo (18);

Efippas: demônio do vento da Arábia, que sopra de manhã até o meio-dia, e cuja força é enorme. Será anulado pelo Anjo que vai nascer da virgem, adorado pelos anjos e crucificado pelos judeus (20, 22). Colocou a pedra angular até o topo do anglo do templo;

Abezetibú: o demonio do Mar Vermelho que combateu contra Moises no Egito e endureceu o coração do Faraó. Também ficou submergido pelas águas do mar. É condenado a embelezar o templo (25).

Como é possível observar a escrita estar carregada de nomes de demônios com suas respectivas atividades e condenações isso nos remete a compreender que o documento possui uma escrita semelhante ao Novo Testamento, portanto carregado de helenismo, o Antigo Testamento não narra Salomão como dominador e regente de espíritos malignos, nem tão pouco, que estes trabalharam na construção do templo, fato jamais aceito pelo judaísmo, isto só nos mostra que há clara evidência da mitologia grega. Escrevi esse espetáculo de demonologia com o objetivo de mostrar que a escrita do documento é carregada da cultura helênica, ao fazer diversas citações de espíritos malignos demonstra que há uma igualdade com os escritos do Novo Testamento contrapondo aos escritos do Antigo Testamento.

PEDERASTIA

Palavra de origem grega que significa amar crianças, este termo esta ligado ao sentido educativo e não a pedofilia, em Atenas era comum os lideres e homens mais velhos ter um moço como aprendiz, sendo como uma combinação do processo preparatório para os futuros cidadãos atenienses, a pederastia, adotada em Atenas, era uma pedagogia executada depois da educação básica com o objetivo de refinar as instruções oferecidas aos jovens, é importante

salientar que os povos gregos não encaravam todos de maneira uniforme, ou seja, poderia ou não haver práticas sexuais, mas foi na Grécia que ela assumiu com maior esforço um papel ativo na formação educacional e social dos cidadãos. A definição dos historiadores sobre a pederastia é vista de várias formas, havendo divergência no que diz respeito a existência ou não dos contatos sexuais, entretanto, todos são unânimes no tocante ao amor pelo ensino aos mancebos, alguns estudiosos por não entender ou estudar o termo de forma incorreta atribui a um sentimento sexual o que não é verdade, esse tema é discutido com maior profundidade em uma dissertação de mestrado com o tema “A Pederastia em Atenas no Período Clássico: relendo as obras de Platão e Aristófanes”, desenvolvida por Luana Neres de Sousa mestranda na Universidade Federal de Goiás e orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Ana Tereza Marques Gonçalves. No Testamento de Salomão encontramos uma cena semelhante, o rei só passa a orar devido ao seu moço que não conseguia dormir, essa narrativa também é uma influencia helênica.

GNOSTICISMO

O gnosticismo é oriundo da Ásia menor e tem como fundamento as filosofias que floresciam na Babilônia, Egito, Síria e Grécia, além disso, havia uma combinação de elementos da astrologia com os mistérios das religiões gregas, por exemplo, os de Elêusis (ritos de iniciação ao culto das deusas agrícolas Deméter e Perséfone, realizados na Grécia antiga) e foi usado para designar um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem, visto como um sistema religioso cujo início se deu antes da era cristã é considerado por muitos historiadores como resultado da interação do judaísmo, cristianismo e as filosofias religiosas do oriente, possuem textos sagrados próprios, tendo como principal o “Evangelho de Tomas”, o gnosticismo tornou-se bastante conhecido durante os séculos II e III, influenciado pelo neoplatonismo e pelos pitagóricos, os gnósticos reivindicavam a posse de conhecimento secreto que, segundo eles, os tornavam superiores aos cristãos comuns desprivilegiado do mesmo nível de entendimento, como consequência chegou a influenciar diversos cristãos da igreja primitiva como Marcião (teólogo cristão e fundador do marcionismo) e Valentim de Alexandria (místico gnóstico do primeiro século).

Uma das principais doutrinas gnóstica é o éons (termo usado para designar os seres espirituais evoluídos), para eles o próprio cristo do Novo Testamento, segundos eles, foi um ser evoluído que adentrou na carne ou na terra, ou seja, nas trevas com o objetivo de trazer a luz, esse modo de ver o mundo dos espíritos e do alto nível de conhecimento nos remete ao

testamento de Salomão, tanto no poder controlador que Salomão tinha e no conhecimento usado para diversas atividades de invocar ou expulsar os espíritos maus quanto nos diversos nomes dos seres espirituais, mostrando nestes aspectos a influência gnóstica no documento. O testamento de Salomão mostra o mundo dos espíritos e sua eternidade estes, eles estão atuando no mundo material, é preciso uma ciência definida e específica para dominá-los, estas características encontradas nos remetem com clara evidência ao gnosticismo.

PITAGORISMO

Existe um paralelo entre pitagorismo e gnosticismo, pois ambos acreditam que a psique humana só alcançará a plena liberdade por meio do conhecimento, uma das afirmações que Pitágoras trouxe foi que “A finalidade da vida é libertar a alma do corpo” este estilo de vida é direcionado por uma ascese (no cristianismo este termo está ligado a um conjunto de práticas morais prescritas aos fieis, cujo objetivo é a busca da verdade) e nos estudos dos números e de sua aplicação com o fim de tornar-se livre, a teoria da reencarnação das almas e a metempsicose são também pontos principais para evolução e aperfeiçoamento da alma, segundo o pitagorismo as sucessivas encarnações se dão em virtude da expiação das faltas cometidas pelo descumprimento de regras em vidas anteriores, daí a necessidade de uma purificação por meio da disciplina e do conhecimento.

Os pitagóricos privilegiavam um estilo de vida em comum, tanto no que tange ao conhecimento quanto as ações coletivas, por exemplo, as refeições deveriam ser feitas em grupo e a amizade era a virtude mais elogiada, já que, juntos os homens poderiam evoluir pelo saber, as sociedades que viviam dessa forma era conhecida como sociedades secretas de mistérios, criadas primeiramente na cidade de Crotona, antiga Grécia, e depois difundidas pela Europa, por meio do gnosticismo, alcançando o cristianismo deixando seu legado nas escrituras do Novo Testamento e no Testamento de Salomão.

Como é possível notar existem alguns aspectos no Pitagorismo que podemos encontrar no Testamento de Salomão, dentre elas notamos, a reencarnação, o conhecimento e a numerologia, por exemplo, o número três era considerado pelos pitagóricos como o símbolo do divino, este mesmo número aparece no documento em análise no versículo dez, as palavras céu, terra e debaixo da terra também aparece, que são três elementos, a doutrina da

reencarnação está implícita no documento e pra concluir, os ritos usados por Salomão para controlar os demônios é um legado de conhecimento ou sabedoria.

CONCLUSÃO

Como podemos observar fizemos o possível para mostrar o objetivo principal do artigo que seria comprovar as influencias helênicas no Testamento de Salomão, para tanto iniciamos mostrando os principais aspectos do documento, como se desenvolveu o helenismo, quem foi seu principal propagador, quem foi Alexandre o Grande e o porquê do seu império tão vasto, o que é o judaísmo tardio e por fim mostrar com especificidade os principais ponto do legado helênico no testamento de Salomão, dentre eles destacamos a escrita, a demonologia, a magia, a numerologia, a pederastia, o gnosticismo e o pitagorismo todos herança grega que encontramos diretamente no documento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRIANT, Pierre. **Alexandre, o Grande**. Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: L&PM Pocket, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. São Paulo: 9ª ed. Brasiliense, 1992, p. 13.

CHEVITARESE, André Leonardo; Cornelli, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo**: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2005, pp.105-106

DROYSEN, J. G. **Alexandre: O Grande**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IDEL, Moshe (Org.) ET al. **Cabala, cabalismo e cabalistas**. São Paulo, 2012. (coleção de estudos judaicos).

GORMAN, Peter. **Pitágoras uma Vida**. Cultrix: Pensamento. 1ª edição. São Paulo, 1979.

HELLERN, NOTAKER e GAARDER. **O livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

KAPLAN, Yosef. **Do cristianismo ao judaísmo**: a história de Isaac Oróbio de Castro. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000. 542 p. (Coleção Bereshit).

KRAUSE, M. **Gnose e Gnosticismo**: documentos publicados na oitava conferência internacional sobre Estudos Patrísticos. Brill, 1981

Nevill Drury. **Dicionário de Mágia e Esoterismo**. Editora Pensamento. p. 157.

OTZEN, Benedikt. **O Judaísmo na Antiguidade**: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano; tradução de Rosângela Molento Ferreira – São Paulo: Paulinas, 2003 – (coleção bíblia e história).

“**O Testamento de Salomão**”. Traduzido por FC Conybeare. PDF formatado por P. Yardley.

PAUL, André. **O Judaísmo Tardio**. História Política. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1983, pp. 17-18.

SCHIAVO, Luigi. **Um Templo de Demônios? A Rejeição do Templo no judaísmo do I séc. e no cristianismo das origens**. Revista de Filosofia e Ciências Afins. Volume 2/3

maio 2007/ dezembro 2008. Artigo recebido em 22/08/2007 e aceito para publicação em 06/03/2008.

SOUSA, Luana Neres de. **A Pederastia em Atenas no Período Clássico**: relendo as obras de Platão e Aristófanes. 2008/ orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Tereza Marques Gonçalves. Dissertação (Mestrado) – UFG. 2008

Thesaurus Magicus, **Coleção de Grimórios**. Publicados em Português pela Clavis Magicae Ediciones.

TOYNBEE, Arnold J. **Helenismo, História de uma Civilização**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. 4ª edição: Zahar Editores, 1975.

Acesso em 16/06/2017 – 11:40mn: <https://www.escavador.com/sobre/3664097/claudio-fernandes-ribeiro>.

Acesso em 22/06/2017 – 09:21min: https://www.ebiografia.com/filipe_ii_da_macedonia/

Acesso em 22/06/2017 – 9:25min: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/702-onde-se-encontra-filipe-ii-da-macedonia?showall=1>